

Educomunicação e interculturalidade como propostas para acolhida, adaptação e integração de crianças imigrantes no ambiente escolar

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v11i20.44505>

Camila Escudero¹

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de relatar os resultados de uma pesquisa-ação com professores da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo sobre a temática da acolhida, adaptação e integração do aluno imigrante, a partir do desenvolvimento de projetos de Educomunicação, em uma perspectiva intercultural. Como recurso teórico-metodológico, utilizamos os conceitos de mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 1991) e trocas simbólicas (APPADURAI, 1996) como possibilidades de interação cultural. Entre os principais resultados, destaca-se a valorização da escola como um espaço privilegiado para a acolhida, a adaptação, a inserção do imigrante a partir de uma dinâmica de organização na produção de conteúdo comunicacional que dá visibilidade e voz ao grupo envolvido, em um processo democrático e educativo, fortalecendo vínculos sociais, reciprocidade de interesses e pluripertencimento identitário.

Palavras-chave: Educomunicação; interculturalismo; imigração; escola.

Educomunicación y interculturalidad como propuestas para acoger, adaptar e integrar a los niños inmigrantes en el entorno escolar

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reportar los resultados de una investigación-acción con docentes del sistema escolar municipal de la ciudad de São Paulo (Brasil) sobre el tema de acogida, adecuación e integración de estudiantes inmigrantes, a partir del desarrollo de proyectos de Educomunicación, en una perspectiva intercultural. Como recurso teórico-metodológico utilizamos los conceptos de mediaciones culturales (MARTÍN-BARBERO, 1991) e intercambios simbólicos (APPADURAI, 1996) como posibilidades de interacción cultural. Entre los principales resultados, destacamos la valoración de la escuela como un espacio privilegiado para acoger, adecuar, insertar al inmigrante desde una dinámica organizativa en la producción de contenidos comunicacionales que den visibilidad y voz al colectivo implicado, en uno proceso democrático y educativo, de fortalecimiento de lazos sociales, reciprocidad de intereses e identidad de múltiple pertenencia.

Palabras clave: Educomunicación; interculturalismo; inmigración; escuela.

¹Camila Escudero. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, Brasil. E-mail: camilaescudero@uol.com.br - <https://orcid.org/0000-0002-9399-1207>

Texto recebido em 08/08/2020, aceito para publicação em 24/11/2020 e disponibilizado online em 01/03/2021.

Educomunicação and interculturality as proposals for the reception, adaptation and integration of immigrant children in the school environment

Abstract: This article aims to report the results of an action-research with teachers of the municipal school system of the São Paulo city about the theme of reception, adaptation and integration of the immigrant student, from the development of Educommunication projects in an intercultural perspective. As a theoretical-methodological resource, we used cultural mediations (MARTÍN-BARBERO, 1991) and symbolic exchanges (APPADURAI, 1996) concepts as possibilities of cultural interaction. Among the main results, we highlight the valorization of the school as a privileged space for the reception, the adaptation, the insertion of the immigrant with an organization dynamic in the production of communicational content that gives visibility and voice to the group involved, in a democratic and educational process, strengthening social bonds, reciprocity of interests and multi-identity belonging.

Keywords: *Educomunicação*; interculturalism; immigration; school.

Educomunicação e interculturalidade como propostas para acolhida, adaptação e integração de crianças imigrantes no ambiente escolar

1. Introdução

O presente artigo tem o objetivo de relatar os resultados de uma pesquisa-ação sobre a temática da acolhida, adaptação e integração do aluno imigrante nas escolas da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo a partir do desenvolvimento de projetos de Educomunicação, em uma perspectiva intercultural.

O contexto de realização do estudo foram cursos de Educomunicação com ênfase em *blogs* e redes sociais, realizados em 2018, com professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo². As

aulas tiveram a participação de 52 professores da rede, de vários níveis: Educação infantil, Ensino fundamental e médio. Todos, em comum, tinham, em suas salas de aulas, alunos estrangeiros de várias nacionalidades – a maioria delas inclui as origens boliviana, haitiana e venezuelana. Além disso, contou ainda com a participação de alguns membros da equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SME) que, em algum momento de seu trabalho (seja em sala de aula ou na equipe de gestão,

formador(a) no ano de 2018, em duas turmas diferentes. De duração de 20 horas cada, em média, as aulas são costumemente realizadas na própria sede da SME, em Diretorias Regionais de Ensino (DREs), ou nas próprias escolas.

² Os cursos são promovidos pelo Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME), dos quais o(a) autor(a) do presente texto participou como

atualmente ou no passado), precisou lidar com a questão migratória.

A pesquisa-ação foi proposta pelo(a) autor(a) deste texto, responsável por ministrar os cursos, o que implicou, como recomenda a literatura consultada (TRIPP 2005; THIOLENT, 2003; ELLIOT, 1991) etc. o engajamento do pesquisador no ambiente pesquisado, bem como o envolvimento do grupo com a proposta de contribuir para solucionar alguma questão ou dificuldade colocada – no caso, a acolhida, adaptação e integração das crianças estrangeiras no ambiente escolar. Nas palavras de Tripp (2005, p. 447): a “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Além disso, destaca-se o papel dessa técnica quando aplicada à área da Comunicação Social, “procurando contribuir para subsidiar a melhoria dos modos de comunicação dos grupos populares” (PERUZZO, 2011, p. 139).

Assim, durante o processo, foram verificados, primeiramente, por meio de questionários, quais os principais obstáculos e entraves

surgidos a partir da presença da criança imigrante na escola, e, por meio de discussões, visitas técnicas às escolas e revisão bibliográfica, de que maneira a Educomunicação possibilitaria subsídios para o encaminhamento de soluções demandadas.

Como recurso teórico-metodológico, fizemos uso de dois autores específicos – Martín-Barbero (1991) e Appadurai (1996), que consideram a Comunicação uma questão de mediações culturais e trocas simbólicas (e, portanto, de reconhecimentos) e de possibilidades de interação por uma teoria dos fluxos-paisagens, respectivamente. Ambas as visões são importantes para a compreensão do conceito de Educomunicação, proposto por Soares (2000; 2001; 2002; 2014), foco de toda a discussão. Em seguida, procuramos relacionar a prática da Educomunicação aos preceitos do conceito de interculturalidade / interculturalismo, uma vez que a discussão das ações foi focada para a acolhida, adaptação e integração do aluno estrangeiro no ambiente escolar.

2. A Comunicação como prática educativa aliada à interculturalidade: breves reflexões teóricas

Analisando o desenvolvimento científico da Comunicação, podemos dizer que uma importante contribuição para conceitos como o de Educomunicação e interculturalidade (pontos-chave deste trabalho), a partir dos anos 1990, foram as ideias de Jesus Martín-Barbero, sobre a noção de mídia muito além do estudo de discursos midiáticos ou de estruturas de produção, mas como *prática social*, como propõe, aliás, a tradição dos Estudos Culturais latino-americanos, principalmente na linha do clássico *De los medios a las mediaciones* (1991).

Martín-Barbero trabalha o campo dos *mass media*, seus dispositivos de produção, seus rituais de consumo, seus aparatos tecnológicos, seus códigos de montagem, de percepção e reconhecimento. Segundo o autor, a Comunicação tornou-se uma questão de mediação e não de meios, uma questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos, mas de reconhecimentos, o que exige investigações a partir da articulação

entre práticas comunicacionais e movimentos sociais (mediações e sujeitos).

Os processos políticos e sociais desses anos – regimes autoritários em quase toda América do Sul, cercados de lutas de libertação na América Central, emigrações imensas de homens, a política, a arte e a investigação social – destruíram velhas seguranças e abriram novas brechas para o enfrentamento da *verdade cultural* desses países: à mestiçagem que não é só aquele feito racial do qual viemos, mas uma trama hoje de modernidade e descontinuidade cultural, de formações sociais e estruturas de sentimento, de memórias imaginárias que relacionam o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclórico com o popular e o popular com o massivo (MARTÍN-BARBERO, 1991, p.10 – Tradução nossa).

Semelhante contribuição para os estudos da Educomunicação e Interculturalidade na América Latina vem do antropólogo Arjun Appadurai. O autor (1996) desenvolve o conceito de *ethnoscape* (ao lado de outros, como *financescape*, *technoscape*, *mediascape* e *ideoscape*) para explicar a mundialização a partir de uma teoria dos fluxos-paisagens como uma resposta aos modelos que estavam em curso até então para se pensar a globalização – muitos deles baseados na ideia de oposição entre centro e periferia e nas concepções neomarxistas do desenvolvimento.

De acordo com Abélès (2005, p. 9 – Tradução de Marcos Mesquita Damasceno), o conceito de *ethnoscape* introduzido por Appadurai é bastante difícil de traduzir. *Scape* remete à ideia de paisagem. “Os ethnoscares são, em alguma medida, as paisagens que os grupos constituem com respeito às suas próprias origens e às vicissitudes que enfrentam”. No entanto, lembra o autor, a noção de paisagem é, por si só, ambígua: designa simultaneamente o exterior, o mundo tal qual ele nos aparece, mas nos remete igualmente à interioridade, à representação que trazemos conosco.

Para o autor, os fluxos midiáticos mostram que a dimensão cultural está no centro do processo de mundialização, e é responsável por fazer emergir o papel primordial da imaginação nos dias atuais.

O que interessa Appadurai é a maneira pela qual esta situação não modifica somente as condições materiais das populações, mas tende a dar um papel inédito à imaginação. Não que as sociedades anteriores não tenham, abundantemente, nas suas produções mitológicas, literárias ou artísticas, feito apelo a esta faculdade. Mas de agora em diante a imaginação não é mais restrita a certos domínios de expressão específicos. Ela investe nas práticas cotidianas (...) onde os sujeitos são obrigados a inventar o seu próprio mundo, utilizando-se de

todas as imagens que as mídias colocam à sua disposição (ABÉLÈS, 2005, p. 3 – Tradução de Marcos Mesquita Damasceno).

Tanto as ideias de Martín-Barbero como as de Appadurai, brevemente descritas aqui, se relacionam diretamente com os aspectos da prática da Educomunicação e seu desenvolvimento. Isso porque eleva a Comunicação a um patamar superior ao simples processo de emissão e recepção de mensagem, ao contextualizar a prática comunicativa em ambientes formais e informais de educação, destacando quando somada à interculturalidade, a dimensão sociocultural.

Soares (2000; 2001; 2002; 2014) define Educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002, p. 24). “A educação para a

comunicação, o uso das tecnologias na educação e a gestão comunicativa transformam-se em objeto de políticas educacionais, sob a denominação de "Educomunicação" (SOARES, 2001, p. 37).

Em outras palavras, a Educomunicação é um conjunto de ações que pressupõem a utilização de práticas comunicativas em estruturas educadoras formais ou informais. Visa à participação, articulação de gerações, setores e saberes, integração comunitária, reconhecimento de direitos e democratização dos meios de comunicação. No geral, quando implantadas de maneira eficiente, essas ações resultam na participação cidadã dos envolvidos na sociedade organizada, bem como contribuem para compreensão do papel da mídia na construção das transformações sociais.

No contexto do plano pedagógico das escolas, ações práticas de Educomunicação – como, por exemplo, a ênfase em *blogs* e redes sociais como proposta nos cursos objeto desta pesquisa-ação – envolvem a participação dos agentes escolares (professores, alunos, funcionários, familiares e demais

membros da comunidade), que se tornam, ao mesmo tempo, produtores e beneficiários das ações. Por meio do desenvolvimento de planejamentos conjuntos e vivência de novas experiências, os envolvidos (SOARES, 2001; 2002; 2014):

- socializam e criam consensos por meio da descentralização das decisões;
- reforçam o aprendizado do conteúdo escolar: o conteúdo desses projetos pode estar ligado ao aprendizado em sala de aula ou ao entendimento da realidade próxima;
- reveem conceitos tradicionais de comunicação – para muito além da transmissão e recepção da informação, persuasão ou promoção de “celebridades”; e
- fortalecem o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão, como indivíduos e como grupo.

Como o presente trabalho tem como foco a acolhida, adaptação e integração da criança imigrante no ambiente escolar, direcionamos essa breve discussão teórica realizada até o momento ao conceito de interculturalidade, meio pelo qual, defendemos, é possível dar sentido a práticas e relações sociais dentro do campo dos estudos migratórios contemporâneos.

De abordagem interacionista, podemos dizer que a perspectiva interculturalista evidencia os modos de organização social, porém, privilegiando aspectos culturais dos sujeitos envolvidos em um quadro histórico e geopolítico amplo, marcado, nos nossos dias, pela aceleração dos fluxos informacionais e comunicacionais. "As pesquisas [interculturais] concentraram-se em delinear a gênese e reprodução das formações sociais transnacionais, bem como os contextos macrossociais específicos em que essas formações sociais transfronteiriças têm operado" (FAIST, 2010, p. 09 – Tradução nossa).

Adotamos neste trabalho a ideia de interculturalidade de Canclini (2005). Segundo o autor, o conceito

remete à mistura de sujeitos e sociedades, ou seja, ao que acontece quando as diferenças se encontram, convivendo em situações de negociações e trocas recíprocas. Tal situação ganha relevância não só dentro de uma etnia ou nação, mas em "circuitos globais, superando fronteiras, tornando porosas as barreiras nacionais ou étnicas e fazendo com que cada grupo possa abastecer-se de repertórios culturais diferentes" (CANCLINI, 2005, p. 43), em uma reelaboração intercultural do sentido de práticas subjetivas e culturais.

Tal conceito se destaca mais ainda quando direcionado a projetos educacionais, uma vez que a própria origem do termo, conforme Cogo (2015), é no campo da Educação, como uma crítica aos conceitos de multiculturalismo (ou multiculturalidade) e pluralismo, insuficientes, na opinião da autora, para a reflexão da dinâmica de novos arranjos socioculturais. Pensa-se, nesse momento inicial, nas interações educativas em ambientes escolares, especialmente no contexto europeu dos anos 1960 e 1970, que não poderiam ser reduzidas somente à

soma ou coexistência de culturas diferentes.

A interculturalidade envolve, assim, a ideia de 'nova síntese cultural' em que o projeto de sociedade intercultural supõe a geração intencionada, planejada ou induzida de algo novo, de expressões culturais novas. O que chama atenção aqui não é tanto a defesa do direito à diferença e a crítica de modelos de assimilação, fusão etc. que implicariam a perda de uma cultura própria, mas sua menção a que esses modelos originais – elaborados no projeto intercultural a partir das culturas em presença – se incorporariam à cultura nacional de base reforçada e renovada (COGO, 2015, p. 109).

3. Reflexos práticos da imigração no ambiente escolar

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)³, o número de matrículas de alunos de outras nacionalidades em escolas brasileiras mais do que dobrou no período de oito anos. Em 2017, foram 34 mil matrículas registradas de imigrantes ou refugiados. A rede pública de ensino é a que mais acolhe esses estudantes: 64% do total. Os dados do censo também mostram que os latinos representam mais de 40%

dos alunos estrangeiros no Brasil, seguidos pelos africanos e asiáticos.

São Paulo é o estado que mais recebe matrículas de alunos de outras nacionalidades: 34,5% do total do país, seguido do Paraná, com 10,7%, e Minas Gerais, com 10,6%. De acordo com o Cadastro do Aluno da Secretaria Estadual da Educação de São Paulo⁴, os estudantes se dividem em mais de 80 nacionalidades. Em novembro de 2017, a rede contabilizava 10.298 estrangeiros matriculados. Dentre eles, estão mais de 4 mil bolivianos, 1,2 mil japoneses, cerca de 550 angolanos e 540 haitianos.

Apesar de São Paulo ser a cidade que conta com mais políticas públicas voltadas para o imigrante – até mesmo por conta de seu histórico como maior território receptor de imigrantes estrangeiros desde o tempo da chamada "grande corrente migratória", na virada do século XIX para o XX – o Brasil, como um todo, não dispõe de ações sistematizadas para o ensino de estrangeiros, como programas de

³Fonte: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/indicadores-educacionais-do-censo-escolar-2017-estao-disponiveis-para-consulta/21206. Acesso em: 27 dez. 2018.

⁴ Fonte: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticia/pais-e-alunos/educacao-teve-mais-de-10-mil-estrangeiros-matriculados-nas-escolas-da-rede-em-2017/>. Acesso em: 27 dez. 2018.

adaptação, aulas extras de línguas ou currículos bilíngues, como ocorre na Finlândia, na Noruega e no Canadá, por exemplo. A formação docente também não aborda a presença do estudante de fora nas classes regulares.

A legislação brasileira determina que estrangeiros têm direito ao acesso à educação da mesma forma que as crianças e os adolescentes brasileiros, conforme: Constituição Federal (artigos 5º e 6º); Estatuto da Criança e do Adolescente (artigos 53º ao 55º); Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (artigos 2º e 3º); Lei da Migração (artigos 3º e 4º). Além disso, a Lei dos Refugiados (artigos 43º e 44º) garante que a falta de documentos não pode impedir o acesso ao ensino. Verifica-se que o problema não está exclusivamente na matrícula, concordando com Waldman (2012, p.182):

A declaração do direito à educação escolar de todos os imigrantes na legislação migratória do país não garantirá, por si só, o exercício pleno deste direito. A matrícula em instituições de ensino dos Estados de destino é tão somente uma dentre as muitas barreiras enfrentadas pelos imigrantes no campo da educação escolar. Um grande desafio a ser trabalhado é a igualdade de condições para o acesso e permanência nas instituições de ensino do Estado de

São Paulo e do Brasil, garantida constitucionalmente.

A questão envolve também o acesso do imigrante à escola e ao seu processo de acolhida, adaptação e integração a todo ecossistema escolar. Assim, implantar e desenvolver práticas que favoreçam tal processo é fundamental. Por ser o principal ponto de contato da criança estrangeira com o novo país, a escola tem um papel privilegiado na sua inserção na cultura local. Para além da questão de compreender e debater tais fluxos contemporâneos de deslocamento, as instituições de ensino lidam com o desafio de acolher e integrar esses alunos que chegam ao país, valorizando ao mesmo tempo suas culturas de origem.

As escolas têm várias dificuldades. A fundamental delas é ter a sensibilidade de compreender essa 'tradução', das crianças viverem em vários mundos: o local de origem; a comunidade onde se está instalado e mais a escola. Isto impacta significativamente sobre a escolarização, a aprendizagem e a vivência. Esse é o principal eixo (SERRÃO, 2016, s/p).

Nesse contexto, a barreira da língua costuma ser apontada como a dificuldade mais visível, mas não impede o acolhimento, a adaptação e interação do aluno estrangeiro na

escola. Aliás, se esse processo for feito com naturalidade, a questão do idioma passa a ser secundária. Aprender a língua do território receptivo é importante, é uma dificuldade inicial, mas não se torna um obstáculo que inviabiliza a aprendizagem dos alunos, podendo ser superado em alguns meses.

(...) não podemos afirmar com toda a certeza que as diferenças idiomáticas impedem o desenvolvimento do processo de inclusão educacional. Na verdade, acreditamos que não; as diferenças idiomáticas prejudicam este processo, porém, não chegam a ser incisivas uma vez que são temporárias. Trata-se de mais um problema dentre tantos outros no já precário ensino público e que, portanto, precisa ser observado pelo Estado no sentido de criarem mecanismos e ferramentas que busquem reduzir o sofrimento dos alunos estrangeiros ao iniciarem seus estudos no Brasil (BARRETO, 2011, s/p).

Frente a todas as dificuldades, é recomendado que a escola projete a sua atividade no território onde está localizada (bairro) e não entenda sua ação educativa como um compartimento fechado, limitado a seus muros. Assim, a articulação da escola com a comunidade corresponde: 1. Do ponto de vista pedagógico, a uma valorização da diversidade de experiências e saberes dos alunos, construídos em contextos

formais, não formais e informais de educação; 2. Do ponto de vista organizacional, a uma abordagem articulada e interativa, territorialmente integrada, que mobiliza de forma concertada diferentes parceiros (HORTA; MARTINS; DIAS, 2014).

No que diz respeito à questão migratória, parcelas expressivas de imigrantes que chegam ao Brasil – muitas vezes em busca do “mito do enriquecimento” – não tiveram acesso à Educação nos seus países e espera que os filhos possam ter no novo destino. A busca por emprego e melhores condições de vida inclui uma boa escola para suas crianças. Por outro lado, é comum alunos do território de recepção trazerem preconceitos de casa, em alguns casos resultando em *bullyings*, predominando a visão etnocentrista, na qual o estrangeiro é recebido como alguém que tem de absorver nossa cultura e esquecer a sua. Porém, se compreendem que os outros estudantes tiveram de abrir mão de muitas coisas em um processo de deslocamento, as relações mudam.

4. Descrição dos processos de pesquisa-ação e principais resultados

Após uma conversa inicial com a apresentação da proposta dos cursos⁵, os professores responderam a um questionário (com perguntas fechadas), indicando alguns pontos principais no que diz respeito à acolhida, adaptação e integração dos alunos imigrantes na escola, a partir de suas próprias vivências. As respostas revelaram que:

- A principal dificuldade está na comunicação com os alunos estrangeiros, seguida da interação com os colegas, de acordo com as respostas.
- Todos eles disseram que, para se fazer entender, utilizam linguagem gestual e visual, procuram se expressar devagar

⁵ Como os cursos tiveram duração média de 20 horas, foram realizados cinco encontros, de 4 horas cada, em média, para a realização desta pesquisa-ação. O cronograma foi o seguinte: Encontro 1 – Apresentação da proposta dos cursos e aplicação do questionário. Encontro 2 – Explicação e discussão do conceito de Educomunicação. Encontro 3 – Explicação e discussão do conceito de interculturalidade. Encontro 4 – TICs, usabilidade e características, com foco nos formatos blogs e redes sociais. Encontro 5 – Discussão sobre a implantação do projeto de blogs nas escolas, com foco na acolhida, adaptação e integração de crianças imigrantes.

e utilizam ainda o “tradutor do Google”; nenhum professor indicou que tem pleno domínio do idioma do estudante.

- Os alunos estrangeiros não costumam apresentar dificuldade de aprendizagem; os casos em que isso ocorre estão muito mais relacionados ao fato de não conhecerem a história do Brasil, o contexto político e social do país, o entorno da escola, os hábitos e costumes, que, necessariamente, algum déficit psicológico, por exemplo.
- Todos indicaram que os pais dos alunos imigrantes costumam comparecer sempre aos eventos formais da escola (reuniões, festas etc.) e que não há maiores problemas com relação ao comportamento e disciplina desses alunos.
- Por fim, todos eles indicaram que o relacionamento com estudantes estrangeiros é ao mesmo tempo um desafio pedagógico e uma experiência enriquecedora.

Após discussão presencial dos resultados do questionário com os

participantes, mostrou-se consenso que a acolhida, adaptação e interação do aluno estrangeiro na escola não passa só pela oferta de auxílio na aprendizagem do idioma, mas inclui o acompanhamento do processo, da família na escola, oferecendo diversidade metodológica para além das opções tradicionais de ensino.

Nesse sentido, deu-se início à segunda fase da pesquisa ação: a apresentação do tema Educomunicação, com o foco, ainda de acordo com as ideias de Soares (2014), de conscientizar o educador a

converter-se em um gestor de processos comunicativos, levando em conta que a principal lição a ser aprendida por todos – professores e alunos – é justamente a necessidade de se construir um novo mundo em conjunto, tendo o diálogo aberto e criativo como o grande instrumento de persuasão (SOARES, 2014, p. 29-30).

Assim, a partir do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e da realidade da questão migratória nas escolas – já que a ênfase dos cursos era a modalidade *blogs* e redes sociais –, passou-se a discutir, em conjunto, possibilidades de atividades práticas de processos de ensino-aprendizagem, unindo as questões da Educomunicação com a

Interculturalidade, que: 1) integrassem às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação; 2) criassem e fortalecessem aspectos comunicativos em espaços educativo; 3) melhorassem o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas nas escolas da cidade; 4) contribuíssem para a formação continuada de professores, alunos e demais envolvidos; 5) revelassem estruturas não-fixas de indivíduos e grupos em situação de deslocamento em territórios receptores, originários de diferentes tipos de sociedades, com distintas tradições (hábitos, costumes), religiões etc. responsáveis pela geração de conflitos capazes de serem negociados, bem como pela reconfiguração do conjunto de paisagens socioculturais da cidade, atualmente.

Diante do exposto, surgiram as ideias práticas de implantação, neste caso estudado, de um *blog* nas escolas, seja como um projeto da disciplina, seja como uma ação articulada com outras áreas, como direção, secretaria, bem como outros professores, em um projeto interdisciplinar. Utilizando plataformas

gratuitas (Wordpress ou Blogger), o ponto de partida, seria que a página virtual fosse produzida por alunos, incentivando o engajamento, a participação, a troca de conhecimento e experiências, em ações horizontais. Algumas experiências propostas (que chamaremos de pauta) foram:

- Para facilitar a acolhida do aluno imigrante (em casos de estudantes maiores) foi proposto fazer entrevistas em formato ping-pong (perguntas e respostas) com os alunos recém-chegados à escola. Imigrantes ou não, o objetivo é apresentar o novo integrante do ecossistema escolar, num relato que envolve experiências de vida e expectativas com a nova escola, facilitando ainda a interação e, ao mesmo tempo, tomando cuidado para que o mesmo não fosse apontado como “o estrangeiro”, “o diferente” ou “o exótico”, já que a ideia era incluir todos alunos recém-matriculados na escola (os nacionais também).
- Outra proposta é que fosse publicada no *blog*, periodicamente, lista de

brincadeiras típicas dos países, trava-línguas, cantigas folclóricas (em áudio e/ou texto). Para as crianças menores (nível ensino infantil), a ideia foi de publicar fotos de brinquedos que os próprios alunos poderiam trazer para escola em dias específicos da semana e/ou mês, conhecido como “O dia do brinquedo”.

- Houve ainda a sugestão de fazer do *blog* um instrumento de veiculação dos eventos promovidos pela escola: anúncio de festa junina, festa do Dia das Mães, Dia das Crianças etc. E, ainda, nessas festas abertas à comunidade, incluir elementos da cultura africana, indígena, boliviana, japonesa etc. Não só convidar os familiares para a festa, mas também para organizá-la, colaborar com dança e comida. Na página virtual, além de se anunciar o evento, os alunos fariam a cobertura, com fotos e relatos de como foi. Cogitou-se ainda a possibilidade de promover festas tradicionais para os imigrantes. Ex.: “Dia

das mães boliviano”, comemorado em 27 de maio, as festas pátrias dos países originários desses estudantes etc.

- Mais uma ideia foi veicular, periodicamente no *blog*, receitas de comidas típicas dos diferentes países, em alguns casos, com o auxílio dos pais desses estrangeiros. Para o caso de alunos menores, publicar desenhos dessas comidas feitos pelas crianças, bem como arquivos de áudio contando o que elas mais gostam de comer etc.
- Promover, noticiar e fazer a cobertura em textos ou fotos de passeios dos alunos a diferentes espaços da cidade com o intuito de apresentar-lhes o território de acolhida e, ao mesmo tempo, promover situações de intercâmbio cultural e comunicação. Se não for possível ir a lugares distantes (principais museus, parques, centros culturais etc.), uma volta pelo bairro, já foi considerada um bom exercício. Chamar os pais dos alunos

imigrantes para ajudar na tarefa de “cuidar” das crianças durante o passeio também foi cogitado.

- Promover rodas de música, com os alunos apresentando, por exemplo, a lista das 10 canções mais tocadas na rádio do país, fazendo a indicação de clipes do Youtube diretamente no *blog* também foi um recurso apresentado. Ou ainda: assistir em conjunto a desenhos animados e filmes (dependendo da faixa etária) produzidos em diferentes países – um trecho ou *trailer* desse produto poderia estar na página virtual, também via Youtube, com comentários dos alunos. O mesmo pode acontecer com livros, poemas, pinturas etc.
- Efemérides, como o Dia da Bandeira, poderiam ser comemoradas com o desenho da bandeira de diversos países, posteriormente fotografados e postados no *blog*. Durante grandes eventos que reúnem os países – como Copa do Mundo e Olimpíadas – haveria a possibilidade de produzir diferentes conteúdos para as

postagens: hinos, hábitos e costumes, localização geográfica, história de vida dos atletas etc.

- Campanhas para promover a comunicação interna da escola como, por exemplo, as sinalizações dos ambientes (banheiros, secretaria, refeitório, laboratórios etc.) escritas em placas bilíngues, também foram sugestões que poderiam ser lideradas pelos estudantes via *blog*. Outra opção foi interagir com escolas localizadas nos países de origem via e-mails, conferências via Skype etc.

5. Considerações finais

Pelo presente artigo, tentamos relatar os principais processos e resultados de uma pesquisa-ação sobre a temática da acolhida, adaptação e integração do aluno imigrante nas escolas da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo a partir do desenvolvimento de projetos de Educomunicação, com ênfase na questão intercultural. Nesse sentido, procuramos documentar os procedimentos – surgidos a partir de uma prática rotineira, que une

pesquisador e participantes – visando a identificação e compreensão do problema a fim de projetar mudanças que melhorem a situação. No entanto, reconhecemos as limitações.

A principal delas é que a estruturação de um projeto de Educomunicação – ainda que voltado para uma questão específica, como no caso deste trabalho para processos de acolhida, adaptação e integração de crianças imigrantes na escola – não segue uma receita fixa. É a realidade particular de cada ambiente educacional que vai moldar as ações. No caso proposto, como a ênfase dos cursos era na utilização de *blogs* e redes sociais, essa questão depende desde o acesso às TICs no ambiente escolar e disponibilização de ferramentas aos envolvidos (computadores, wi-fi, celulares, câmeras fotográficas etc.), bem como o manuseio desses instrumentos, até à estrutura organizativa da escola. Por exemplo: se há abertura para a integração de disciplinas e departamentos, se a gestão se aproxima do modelo horizontal, com ênfase no diálogo e participação de todos os membros, até mesmo a

realidade socioeconômica dos estudantes envolvidos.

Outra limitação é a transmissão e troca de conhecimentos e referências sobre quem é o imigrante hoje. O senso comum costuma associar o estrangeiro a certos tipos de fenótipos e estereótipos que acabam por gerar preconceitos e, em casos mais graves, situações de xenofobia. Concentra-se a imagem desse sujeito no outro, no intruso, no diferente, como se ele não fosse parte da diversidade e identidade cultural do planeta. É exatamente o contrário do que nos mostrou a perspectiva intercultural, e as ideias de comunicações propostas por Martín-Barbero (1991) e Appadurai (1996): o reconhecimento do “outro” (alteridade)⁶ possibilita que relações de contato e troca cultural se efetivem em grupos diferentes para que, justamente, esses possam se

reelaborar, garantindo assim sua inserção em um mundo acelerado pela lógica da globalização.

De qualquer maneira, reconhecemos que a discussão aqui proposta pode colaborar para o reconhecimento da importância da educação para as práticas comunicacionais no ambiente escolar e de todo o ecossistema envolvido no sentido de favorecer o entendimento de que processos migratórios não são anomalias sociais ou algo externo à sociedade, pelo contrário, são constantes na história e uma realidade presente e natural, especialmente, em uma grande cidade, como é o caso de São Paulo. Que ações desse tipo podem colocar o grupo envolvido na posição de protagonista e de contra hegemonia perante não só aos veículos tradicionais de comunicação, mas à sociedade como um todo. Envolvem uma dinâmica de organização na produção de conteúdo que dá visibilidade e voz ao grupo envolvido – ao contemplar diversos tipos de informação – tornando-as um processo democrático e educativo, fortalecendo vínculos sociais, reciprocidade de interesses, cooperação e sentimento de pertença.

⁶ Por alteridade, utilizamos o conceito de Jodolet (2002), para quem, a alteridade é um duplo processo de construção e de exclusão social, de indentidade e pluralidade que, indissolavelmente ligados, mantêm a unidade por meio de um sistema de representações. “A noção de alteridade permanece demasiado genérica – até mesmo polissêmica (...). Acha-se situada no plano do vínculo social (...) pois não aparece como um atributo que pertenceria à essência do objeto visado, mas sim como uma qualificação que lhe é atribuída do exterior” (JODOLET, 2002, p. 50).

A escola pode se revelar um ambiente propício para a acolhida, adaptação e integração do imigrante, numa perspectiva intercultural que favorece o pluripertencimento identitário. Isso não significa a superação ou a negação dos deveres cívicos locais do território de acolhimento, mas sim a conciliação sincera, honesta, generosa e igualitária entre os diferentes quadros simbólicos de identificação. "Não se trata de colocar uma estrutura imaginária – discursiva – organizacional contra ou acima da outra, mas sim optar por uma visão complementar que, em vez de separar, junta e, em vez de empobrecer, enriquece" (ELHAJJI, 2006, p. 10).

Referências bibliográficas

- ABÉLÈS, Marc. Avant-propos. In: APPADURAI, Arjun. *Après le colonialisme: Les conséquences culturelles de la globalisation*. Paris: Payot, 2005.
- APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large – Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University Minnesota Press, 1996.
- BARRETO, Marcelo Reis. *Um Estudo sobre a Inclusão Educacional de Imigrantes Bolivianos na Rede Pública de Ensino na Cidade de São Paulo à luz das Diferenças Idiômáticas*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Português/Espanhol) – Centro Universitário UNISEB, 2011. Disponível em: <http://www.arcos.org.br/artigos/um-estudo-sobre-a-inclusao-educacional-de-imigrantes-bolivianos-na-rede-publica-de-ensino-na-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- COGO, D. Comunicação e diversidade: Cenários e possibilidades da comunicação intercultural em contextos organizacionais. In: MOURA, C. P.; FERRARI, M. A. (orgs.). *Comunicação, interculturalidade e organizações – Faces e dimensões da contemporaneidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2015. p. 96-116.
- ELHAJJI, M. Comunicação Intercultural: Prática social, significado político e abordagem científica. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (E-COMPÓS)*, Brasília, vol.6, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/86/86>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- ELLIOT, J. *Action research for educational change*. Filadélfia: Open University Press, 1991.
- FAIST, T. Transnationalization and Development. Toward an Alternative Agenda. In: SCHILLER, N. G.; FAIST, T. (eds.). *Migration, Development and Transnationalization. A Critical Stance*. Nova York: Berhahn Books, vol.12; 2010. p. 63-99.
- HORTA, M. J. B.; MARTINS, C.; DIAS, A. Escola, comunidade e território: dinâmicas educativas locais na

integração de populações imigrantes na área metropolitana de Lisboa. *Revista Interações*, 29, p. 8-36, 2014. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/artic le/viewFile/3920/2950>. Acesso em: 10 jan. 2018.

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, A. (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes; 2002. p. 47-68.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *De los medios a las mediaciones* – Comunicación, cultura e hegemonía. México: Editorial Gustavo Gilli, 1991.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2011. p. 125-144.

SERRÃO, Patrícia. Professores revelam dificuldades de escolas em absorver imigrantes. *Portal EBC*, 2016. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2016/09/dificuldade-do-brasil-em-receber-filhos-de-migrantes>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos. In: *Caminhos da educomunicação*. São Paulo: Salesianas: Núcleo de Comunicação e Educação/ECA/USP, 2001. p.35-46.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. *Revista FGV Online*. São Paulo, 4(1), 2014. p. 19-34. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.p hp/revfgvonline/article/view/41468/40212>. Acesso em: 25 mar. 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: Um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, São Paulo, 19, p.12-24, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/a rticle/view/36934>. Acesso em: 18 jul 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA/USP – Editora, Ano VIII, n. 23, p.16-25, jan./abr. de 2002.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2003.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2019.

WALDMAN, T. C.. *O acesso à educação escolar de imigrantes em São Paulo: A trajetória de um direito*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Direito. Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiv eis/2/2140/tde-15082013-101420/pt-br.php>. Acesso em: 27 dez. 2018.